

Analizando a escrita do passado: sobre o conceito de “literatura de testemunho” de Seligmann-Silva

Gustavo Feital Monteiro¹

Resumo: Seligmann-Silva é um acadêmico que reflete sobre as abordagens de estudo do passado, em especial o Holocausto e outros eventos traumáticos, sendo utilizado também como base referencial para outras produções no campo da história e da literatura. Em seus trabalhos, este autor estabeleceu conceitos que denominam e fundamentam seus argumentos, sendo a “literatura de testemunho” um dos principais pontos defendidos e frequentemente mencionados. Através da focalização neste e em outros elementos presentes em seus textos, é a intenção desta análise identificar a forma de construção dos termos apresentados e realizar um diálogo com outros estudiosos envolvendo as ideias sobre a abordagem do passado, a representação da catástrofe e o estudo do trauma na história.

Palavras-chave: Seligmann-Silva; testemunho; representação; historiografia.

Abstract: Seligmann-Silva is an academic who reflects on the approaches of the study of the past, in particular the Holocaust and other traumatic events, being also used as reference base for other productions in history and literature. In his works, this author establishes concepts that denominate and base his arguments, being "literature of testimony" one of the main points defended and frequently mentioned. Through the focus on this and other elements in his texts, it is the intention of this analysis to identify the way of constructing the terms described and to engage in a dialogue with other scholars about the ideas of approaching the past, the representation of the catastrophe and the study of trauma in history.

Key words: Seligmann-Silva; testimony; representation; historiography.

¹ Mestre em história pela Universidade de Brasília. E-mail para contato: gustaav.f@gmail.com.

Márcio Seligmann-Silva nasceu em 1964 em São Paulo e, apesar da sua formação inicial em história pela PUC, direcionou a sua atenção para a literatura alemã no mestrado e se doutorou em Teoria Literária na Universidade Livre de Berlim.² Possui uma ampla produção acadêmica, notadamente voltada à análise e crítica da literatura, como pode ser visto nas obras *Ler o livro do mundo*³ e *Atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno*.⁴ Atualmente professor de teoria literária da UNICAMP, seus estudos são voltados para a análise da memória e do testemunho derivados da violência, além de focalizar também na teoria que envolve tais campos.

Boa parte de seu trabalho, incluindo numerosos artigos, é destinado ao debate sobre a possibilidade de se representar catástrofes e, sobretudo, o Holocausto. Por se tratarem de eventos que desafiam a compreensão e extrapolam descrições coerentes dos fatos, tais acontecimentos não poderiam ser inseridos em modelos pré-existentes de estudo histórico. Segundo o autor, a literatura do testemunho possibilita uma aproximação com o passado e aborda o mesmo tema que a historiografia por perspectivas diferentes, fornecendo um material empírico referente às experiências individuais em contextos complexos. Uma vez que a história ignora ou desconsidera o testemunho, mesmo

² Em alemão, o nome da instituição se apresenta como *Freie Universität Berlin*, sendo uma das mais prestigiadas universidades na Europa.

³ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Ler o livro do mundo**: Walter Benjamin, romantismo e crítica poética. São Paulo: Iluminuras, 1999.

⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ele possuindo uma ligação mais direta com o ocorrido, a literatura preencheria essa lacuna e possibilitaria um estudo que focalizaria em materiais pouco observados, como afirma em:

O testemunho, como exercício de narrar e elaborar traumas sociais, na prática política, conforme veremos, é uma tentativa de se escovar a história a contrapelo, abrindo espaço para aquilo que normalmente permanece esquecido, recalçado e legado a um segundo (ou último) plano.⁵

Seligmann-Silva origina a sua abordagem partindo do embasamento fornecido pela teoria literária ao analisar determinados assuntos da história de formas distintas. Apesar da sua relevância para o desenvolvimento de pesquisas nos temas voltados a governos repressivos, incluindo a ditadura brasileira, os conceitos formados pelo autor não costumam ser problematizados, criticados ou questionados no contexto de sua elaboração. Ou seja, por mais que pesquisas variadas se fundamentem nos pontos estabelecidos por Seligmann-Silva, adaptando-os para cada caso abordado, é necessário refletir sobre a essência dos argumentos que fundamentam as suas perspectivas e definem os termos em sua composição tal como foram concebidas pelo seu autor.⁶

⁵ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. In ARAÚJO, Maria Paula; FICO, Carlos; GRIN, Monica (orgs.). **Violência na história**: Memória, trauma e reparação. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012, p. 103.

⁶ Seligmann-Silva reconhece que seus estudos são visivelmente presentes como fundamentação teórica e base argumentativa nos trabalhos de história e literatura realizados no Brasil, afirmando que: “Se, no primeiro âmbito, o trabalho de memória

Para realizar tal atividade, serão apontadas inicialmente algumas das principais ideias identificadas nos textos de Seligmann-Silva. Estas reflexões foram selecionadas a partir da sua presença em vários trabalhos escritos pelo autor, se constituindo na centralidade de sua argumentação sobre um tema específico: o Holocausto. As suas teorias são baseadas nos questionamentos que originam a argumentação crítica e formam a singularidade do seu pensamento juntamente com a metodologia de análise, além de direcionar a sua pesquisa para ramificações pouco exploradas.

Após a identificação dos principais conceitos do autor, a sua definição será observada juntamente com a sua fundamentação, onde serão evidenciadas as características e as formas pelas quais as ideias se relacionam com o Holocausto. Ao partir da elaboração teórica para a aplicabilidade metodológica, o desenvolvimento argumentativo torna esses termos passíveis de serem inseridos em um diálogo, no qual outros historiadores do nazismo e da teoria da história serão explorados na medida em que também estabeleceram reflexões pertinentes ao debate.

em torno da Segunda Guerra Mundial e da Shoah determina em boa parte as discussões, na América Latina, o ponto de partida é constituído pelas experiências históricas da ditadura, da exploração econômica, da repressão às minorias étnicas e às mulheres, sendo que nos últimos anos também a perseguição aos homossexuais tem sido pesquisada.” em SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a Política da Memória: O Tempo depois das Catástrofes. **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, vol. 30, n.º. 30, 2006, p. 86.

Através dessa atividade, pretende-se compreender melhor como tais conceitos foram compostos e se configuram em bases analíticas de estudo do passado. A literatura é um campo do qual se originaram os instrumentos utilizados por Seligmann-Silva para melhor examinar um dos eventos mais complexos da história contemporânea, gerando interpretações específicas que se distinguem dentro da historiografia por utilizarem perspectivas sensíveis a elementos pouco considerados. Ao destacar o testemunho, a representação e o trauma, este autor salienta a necessidade de reflexões que sejam perceptíveis dos efeitos dos eventos históricos sobre os sujeitos. A compreensão formada por estes indivíduos de seus contextos influenciava em suas escolhas, direcionava suas ações e interferia naquilo que era a sua visão de realidade histórica.

Literatura, representação e análise histórica

Um dos principais conceitos presentes no estudo de Seligmann-Silva é “literatura de testemunho”, o qual denomina as obras escritas por sobreviventes de eventos traumáticos, como o Holocausto. Apesar de não estabelecer definições claras e aprofundadas das características que constituem essa forma literária,⁷ o autor salienta que

⁷ Seligmann-Silva afirma que a literatura do testemunho não se configuraria como um gênero literário, e sim como uma “face da literatura” em: “ao invés de se falar em “literatura de testemunho”, que não é um gênero, percebemos agora uma *face da literatura* que vem à tona na nossa época de catástrofes e que faz com que toda a história da literatura — após duzentos anos de auto-referência — seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real”.” A sua definição de face literária não é aprofundada, assim como não são identificadas as

as obras inseridas nesta classificação são diferenciadas dos demais textos por possuírem uma ligação mais problemática com a sua capacidade de representar a experiência vivida e o passado.

Inicialmente, o testemunho seria formado a partir da necessidade do sobrevivente de descrever a sua experiência. A partir da afirmação de Primo Levi no prefácio de *É isto um homem?*,⁸ Seligmann-Silva defende que a atividade de prestar testemunho pelos sobreviventes é derivada da visualização e do contato direto com um acontecimento, o qual impulsiona a narrativa:

Seguindo estas palavras, podemos caracterizar, portanto, o testemunho como uma atividade

características que a diferenciariam de gênero literário, em SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a Política da Memória: O Tempo depois das Catástrofes. **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, vol. 30, nº. 30, 2006, p. 85.

⁸ Levi descreve que a sua vontade de mostrar o que viveu àqueles que não estavam presentes era intensa e o motivou à escrita do seu livro: “Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção, o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares.” em LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 8. Wiesel também expressa a necessidade de relatar o ocorrido, sendo para ele uma responsabilidade e obrigação para com aqueles que morreram no Holocausto. Ainda segundo o autor, negar o testemunho seria como cometer um novo assassinato: “Para o sobrevivente que escolhe testemunhar, isso é claro: seu dever é prestar testemunho pelos mortos e pelos vivos. Ele não tem o direito de privar as futuras gerações de um passado que pertence à nossa memória coletiva. Esquecer seria não apenas perigoso, mas ofensivo; Esquecer os mortos seria semelhante a matá-los uma segunda vez.” Tradução pelo autor do original: “For the survivor who chooses to testify, it is clear: his duty is to bear witness for the dead and for the living. He has no right to deprive future generations of a past that belongs to our collective memory. To forget would be not only dangerous but offensive; to forget the dead would be akin to killing them a second time.” em WIESEL, Elie. **Night**. New York: Hill and Wang, 2006, p. xv.

elementar, no sentido de que dela depende a sobrevivência daquele que volta do *Lager* (campo de concentração) ou de outra situação radical de violência que implica esta necessidade, ou seja, que desencadeia esta carência absoluta de narrar.⁹

Levi é apresentado como o principal autor a partir do qual Seligmann-Silva formula as suas reflexões sobre a atividade de testemunho como um todo.¹⁰ Se configurando como a realização de uma narrativa sobre uma experiência delimitada no tempo e no espaço, o testemunho é definido a partir da sua produção literária restrita a acontecimentos específicos. Ao afirmar que a origem do conceito “literatura de testemunho” se encontra nos relatos de sobreviventes de campos de concentração, o autor limita a sua definição tanto de “testemunho” como de “experiência”.¹¹

⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, v. 20, no. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2008, p. 66. Seligmann-Silva reitera a sua afirmação em um outro texto, no qual liga diretamente o indivíduo com o evento que é observado: “O testemunho é, via de regra, fruto de uma contemplação: a testemunha é sempre testemunha *ocular*. Testemunha-se sempre um *evento*.” em SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 82. Destaque dos trechos como no original.

¹⁰ Outros sobreviventes que escreveram suas memórias não são mencionados na definição dos conceitos de Seligmann-Silva, assim como também não são abordadas as diferentes formas narrativas do testemunho e nem os objetivos próprios que cada um dos autores possuía em sua escrita.

¹¹ Apesar do seu frequente uso, a definição do conceito de literatura de testemunho é explorada em poucos trabalhos de Seligmann-Silva, sendo um deles o artigo *A literatura do trauma*, no qual ele afirma: “A literatura de testemunho, conceituada a partir dos relatos de sobreviventes dos campos de concentração nazistas, se articula como tensão entre a necessidade de narrar a experiência da barbárie e a percepção da insuficiência da linguagem diante do horror – redimensionando a relação entre literatura e realidade, salientando o caráter traumático de toda experiência e pondo em

Devido ao seu enfoque em obras literárias, Seligmann-Silva não considera a existência da atividade do testemunho fora da escrita. Mesmo reconhecendo diferentes formas textuais e variados instrumentos narrativos utilizados pelos autores, as obras originadas dos eventos catastróficos ainda mantêm a sua característica testemunhal, como ele afirma em: “Testemunho e literatura são indissociáveis.”¹² Mesmo afirmando a necessidade de utilização de material literário para o estudo da história, o autor não explora a teoria que fornece o embasamento para o diálogo entre estes dois campos, assim como não aponta os meios pelos quais a metodologia histórica poderia analisar empiricamente a literatura de testemunho. Os fundamentos teóricos para seus conceitos permanecem sendo, em sua essência, derivados da literatura.¹³

xeque a equação pós-moderna que transforma a história em ficção.” em SELIGMANN-SILVA, Márcio. A literatura do trauma: dossiê literatura de testemunho. **Cult**, nº 23, São Paulo, junho 1999, p. 40. Segundo esta perspectiva, é possível questionar se o diário de Anne Frank poderia ser caracterizado como literatura de testemunho, uma vez que ela não sobreviveu para relatar a sua experiência do campo de Bergen-Belsen, assim como a sua descrição da vida dentro do esconderijo em Amsterdã não se configura no “evento” conceituado por Seligmann-Silva. Da mesma forma, Victor Klemperer não se definiria como testemunha por não ter sido enviado a nenhum campo, mesmo tendo escrito em seu diário a sua vida na Alemanha de 1933 até 1945 e sofrido a perseguição nazista por ser considerado judeu. Ver FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**: edição integral. 47. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015, e KLEMPERER, Victor. **Os diários de Victor Klemperer**: Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista, 1933-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹² SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura da Shoah no Brasil. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, vol. 1, nº 1, 2007, p. 124.

¹³ Mesmo sendo derivados quase exclusivamente da teoria literária, a sua observação e análise crítica da literatura dos sobreviventes ainda se apresenta como superficial. Por exemplo, uma das poucas diferenciações que Seligmann-Silva faz entre as categorias

Decorrente da interpretação literária, é possível apontar outra ideia presente em seus trabalhos na crítica à capacidade representativa da linguagem. Novamente partindo de considerações feitas por Levi,¹⁴ Seligmann-Silva aponta que os eventos traumáticos e as catástrofes desafiam a compreensão por extrapolarem os limites concebidos pela percepção, não sendo possível estabelecer modelos representativos que

literárias do testemunho é baseada na proximidade que o autor teve dos eventos descritos. Ao considerar a presença da literatura do Holocausto no Brasil, ele define que os testemunhos primários são realizados por aqueles que descrevem suas próprias experiências de eventos que viveram e observaram, enquanto que testemunhos secundários são os que tiveram contato com os acontecimentos através de mediações: “Para evitar uma tipologia calcada nas fronteiras móveis entre o “objetivo” e o “literário” – a literatura de alto teor testemunhal revela a fragilidade das fronteiras entre estes campos – optamos aqui por uma diferenciação mais histórica dos próprios autores, separando-os entre as “testemunhas primárias”, emigradas da Europa durante ou após a guerra, e as “secundárias”.” em SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Literatura da Shoah no Brasil*. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, vol. 1, nº 1, 2007, p. 125.

¹⁴ Levi afirma que a sua experiência no campo desafiava a capacidade descritiva, uma vez que o significado das palavras não se relacionava de forma fiel ao que estava sendo vivido por ele, como pode ser observado em: “Assim como nossa fome não é apenas a sensação de quem deixou de almoçar, nossa maneira de termos frio mereceria uma denominação específica. Dizemos “fome”, dizemos “cansaço”, “medo” e “dor”, dizemos “inverno”, mas trata-se de outras coisas.” em LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 182. Wiesel também ressalta esse obstáculo, escrevendo que: “Dolorosamente ciente das minhas limitações, assisti desamparado à medida que a linguagem se tornou um obstáculo. Ficou claro que seria necessário inventar um novo idioma. (...) Fome - sede - medo - transporte - seleção - fogo - chaminé: essas palavras têm significado intrínseco, mas naqueles tempos, eles significavam outra coisa.” Tradução pelo autor do original: “Painfully aware of my limitations, I watched helplessly as language became an obstacle. It became clear that it would be necessary to invent a new language. (...) Hunger – thirst – fear – transport – selection – fire – chimney: these words all have intrinsic meaning, but in those times, they meant something else.” em WIESEL, Elie. **Night**. New York: Hill and Wang, 2006, p.ix.

possibilitem a transmissão da experiência para o texto.¹⁵ Para ele, os sobreviventes possuem um conflito no seu testemunho, uma vez que sentem a necessidade de escrever, mas, ao mesmo tempo, não conseguem realizar a escrita pela incapacidade da linguagem de dar sentido à sua experiência.¹⁶

Em diversos trabalhos, Seligmann-Silva aponta a incapacidade da linguagem de representar a catástrofe. Embora o autor não aborde, esta perspectiva está presente nos estudos da história cultural, nos quais há a busca pela representação social em textos literários, onde Darnton pode ser identificado como um exemplo.¹⁷ Este historiador estuda a literatura como reflexo da sociedade e da sua cultura, possibilitando a visualização de comportamentos e mentalidades dos diferentes indivíduos e grupos sociais do passado. Dessa forma, o trauma seria um

¹⁵ O autor não desenvolve o sentido de “representação” ao qual se refere quando afirma que o Holocausto extrapola os seus limites. Uma interpretação do conceito pode ser apontada na função ideal descritiva da linguagem de se referir ao real, mas Seligmann-Silva não fornece mais indícios para sustentar a definição que utiliza.

¹⁶ O testemunho, para Seligmann-Silva, existe essencialmente quando a linguagem impede a descrição dos eventos que retrata. As palavras expressadas na narrativa não conseguiriam atribuir o sentido visado pelo sobrevivente ao seu relato, uma vez que a experiência vivida ultrapassa a habilidade descritiva. No entanto, Primo Levi e outros autores apontam essa característica em suas obras e exploram formas de evidenciar a distância entre a descrição literária e a memória pessoal, mas o autor não fornece maior aprofundamento sobre os métodos narrativos encontrados para confrontar ou superar esse obstáculo, em SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, v. 20, no. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2008, p. 67.

¹⁷ DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 5. ed. São Paulo: Graal, 2006.

evento “inenarrável” ou “indizível” devido à incapacidade de representação do Holocausto.¹⁸

O conceito de representação também é abordado por Chartier, que reflete sobre as características inerentes do termo e a sua relação com a história cultural. Para ele, a representação seria uma forma pela qual o contexto é interpretado pela sociedade, formando o entendimento do passado por meio de símbolos variados construídos e reproduzidos por vários indivíduos.¹⁹ O estabelecimento de sentido do contexto ocorre por meio de reproduções culturais, como imagens ou obras literárias, as quais evidenciam a amplitude e profundidade de suas propriedades. Além da análise do conceito em si, Chartier destina também sua observação na identificação dos aspectos referentes à sua formação, sua constituição e recepção social pelo estudo histórico. Com isso, a complexidade do significado de “representação” é evidenciada

¹⁸ De acordo com Seligmann-Silva, o testemunho estabelece uma relação própria com a língua para possibilitar a referência com o passado: “Aquele que testemunha *sobreviveu* – de modo incompreensível – à morte: ele como que a penetrou. Se o indizível está na base da língua, o sobrevivente é aquele que reencena a criação da língua. Nele a morte – o indizível por excelência: que a toda hora tentamos dizer – recebe novamente o cetro e o império sobre a linguagem. O simbólico e o real são recriados na sua relação de mútua fertilização e exclusão” em SELIGMANN-SILVA, Márcio. A literatura do trauma: dossiê literatura de testemunho. **Cult**, nº 23, São Paulo, junho 1999, p. 45.

¹⁹ Nas palavras de Chartier: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” em CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002, p. 16.

pelo autor, juntamente com as metodologias de utilização na pesquisa do passado.²⁰

Críticas feitas por outros académicos ressaltam os limites da análise histórica derivada da representação literária. Por não levar em consideração o contexto ou as relações sociais na construção dos textos observados, a história cultural é criticada nesta prática por se apresentar como referencialmente fechada e pouco aprofundada. A representação seria um aspecto limitado da sociedade, reforçando modelos e estruturas pré-estabelecidas e fornecendo exemplos de comportamentos homogêneos já conhecidos. Como afirma Cerutti:

As análises das “representações” tendem a se fechar sobre si mesmas. O postulado segundo o qual cada expressão do social dá acesso, por si só, a um universo cultural cuja coerência é preciso reconstruir traduz-se, na verdade, por uma leitura estreita das fontes. Mais precisamente, essas fontes são

²⁰ Chartier aborda especificamente a representação na literatura, afirmando que: “Aplicada a teoria da leitura, esta perspectiva leva a observar quão insatisfatórias são as abordagens que consideram o acto de ler como uma relação transparente entre o «texto» — apresentado como uma abstração, reduzido ao seu conteúdo semântico, como se existisse fora dos objectos que o oferecem a decifração — e o «leitor» — também ele abstracto, como se as práticas através das quais ele se apropria do texto não fossem histórica e socialmente variáveis. Os textos não são depositados nos objectos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole. Considerar a leitura como um acto concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais — chamemos-lhes «tipográficos» no caso dos textos impressos — que são os seus.” em CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002, p. 25.

analisadas, ainda que de maneira intensiva, sem referência aos processos que as geraram; e isso com base na convicção de que, de toda forma, elas podem remeter diretamente à experiência dos protagonistas.²¹

Seligmann-Silva apresenta uma abordagem oscilante e pouco desenvolvida em sua argumentação sobre a relação entre a representação na literatura de testemunho e a experiência do sobrevivente, mesmo havendo reflexões sobre estes temas por outros acadêmicos. Em determinados estudos, ele afirma que o trauma resiste à representação, o que impediria que a literatura refletisse o real ou possibilitasse a percepção dos eventos do passado em seu texto. Com isso, o testemunho se relacionaria com o passado através de uma forma diferenciada, na qual as fronteiras entre o literário, o real e a imaginação seriam mescladas na narrativa.²² Indo além, Seligmann-Silva defende

²¹CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 180.

²² Como o autor afirma em: “Esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação.” em SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a Política da Memória: O Tempo depois das Catástrofes. **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, vol. 30, nº. 30, 2006, p. 85, e também em: “Com a nova definição da realidade como catástrofe, a representação, vista na sua forma tradicional, passou ela mesma, aos poucos, a ser tratada como impossível; o elemento universal da linguagem é posto em questão tanto quanto a possibilidade de uma intuição imediata da “realidade”.” em SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.) **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 75. Em outro momento, ele mantém o distanciamento com a realidade “naturalista”, mas afirma que o testemunho ainda permite a percepção do real na cultura: “Ocorre uma revisão da noção de

que a literatura do testemunho não intenciona representar o passado, e sim visa a reconstrução dos eventos no presente.²³

Porém, apesar desse reconhecimento, o autor não reflete sobre outros modelos representativos ou possibilidades de abordagem que forneçam meios para melhor estudar a literatura de testemunho. Mesmo chegando a propor “uma nova concepção de representação que permita a inclusão desse evento [o Holocausto]”,²⁴ a incapacidade representativa permanece como uma questão em aberto e frequentemente reafirmada tanto devido às características inerentes do evento como à incapacidade da linguagem de se relacionar com a experiência traumática.

Ricoeur analisa especificamente a representação do Holocausto, explorando a historiografia do tema e apontando diferentes posicionamentos de La Capra, Hayden White e Friedländer.²⁵ O autor ressalta que a metodologia de estudo e a análise empírica podem se

literatura justamente porque do ponto de vista do testemunho ela passa a ser vista como indissociável da vida, a saber, como tendo um compromisso com o real. Aprendemos ao longo do século XX que todo produto da cultura pode ser lido no seu *teor testemunhal*. Não se trata da velha concepção realista e naturalista que via na cultura um reflexo da realidade, mas antes de um aprendizado – psicanalítico – da leitura de traços do real no universo cultural.” em SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2008, p. 71.

²³ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e Trauma. **Pro-Posições**, v. 13, n. 3 (39), Campinas: Faculdade de Educação UNICAMP, 2002, p. 150.

²⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.) **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 75.

²⁵ No trecho intitulado “Representação e retórica”, Ricoeur dialoga com as obras desses três autores, explorando os argumentos de cada um sobre a representação do Holocausto no estudo histórico, em RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: UNICAMP, 2007, p. 261.

fundamentar em testemunhos dos envolvidos com o evento, incorporando-os na pesquisa do passado. Mesmo com obstáculos na abordagem e na narrativa, ainda são identificadas formas pelas quais o Holocausto pode ser examinado pela história em uma abordagem diferente, como afirma em:

Resulta dessas considerações que a tentativa de escrever a história da “solução final” não é um empreendimento desesperado, se não esquecermos a origem dos limites de princípio que a afetam. É, antes, a oportunidade de recordar o trajeto que deve efetuar o crítico, remontando da representação à explicação/compreensão e desta ao trabalho documental, até os últimos testemunhos, cuja complicação se sabe estar estilhaçada, entre a voz dos algozes, a das vítimas, a dos sobreviventes, a dos espectadores diversamente envolvidos.²⁶

Por último, Seligmann-Silva realiza determinadas críticas à ciência histórica na sua metodologia de estudo do passado. Historiadores não utilizam testemunhos escritos e literatura, segundo ele, por serem fontes pouco confiáveis, subjetivas e que são contrárias à historiografia tradicional. Ao mesmo tempo, estes mesmos testemunhos abalam os fundamentos da pesquisa do passado por incluírem o imaginário, o ficcional e o literário em sua narrativa, permitindo uma visão dos acontecimentos mais complexa do que aquela fundamentada em bases empíricas. Segundo ele: “Já o discurso dito sério é tragado e abalado na sua arrogância quando posto diante da impossibilidade de se

²⁶ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: UNICAMP, 2007, p. 273.

estabelecer uma fronteira segura entre ele, a imaginação e o discurso dito literário”.²⁷

A sua crítica à história também não é desenvolvida e não inclui debates voltados diretamente a aspectos das metodologias de pesquisa dos campos historiográficos. Poucos historiadores são mencionados nas suas reflexões, e raramente o autor se envolve em discussões fora da literatura e filosofia. Alguns pontos elaborados por Seligmann-Silva encontram contribuições feitas na teoria histórica, como pode ser observado nos questionamentos voltados à relação do texto com o “real” do passado, o que poderia ampliar e aprofundar os seus argumentos. Ao apontar somente a “história tradicional”, o autor ignora as discussões realizadas e as diferentes fundamentações metodológicas existentes, ao mesmo tempo em que não reconhece as perspectivas de abordagem que se fundamentam de formas específicas nas fontes de diversos gêneros, inclusive literários.²⁸

²⁷ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2008, p. 71. Em outro artigo, ele afirma também: “A memória da Shoah – e a literatura de testemunho de um modo geral – desconstrói a Historiografia tradicional (e também os tradicionais gêneros literários) ao incorporar elementos antes reservados à “ficção”.” SELIGMANN-SILVA, Márcio. A literatura do trauma: dossiê literatura de testemunho. **Cult**, nº 23, São Paulo, junho 1999, p. 47.

²⁸ Não é detalhado o que o autor identifica por “história tradicional”, a quais procedimentos analíticos ele se refere ou narrativas que podem servir de exemplo. Diversos estudos podem ser mencionados que abordam a teoria da história em suas diferentes formas, estabelecendo bases e metodologias de pesquisa que dialogam com Seligmann-Silva. Dentre eles, a obra de Burke se apresenta como uma das que incluem trabalhos em temas diversificados sobre a “nova história”, e em como ela se distancia de modelos existentes em várias práticas distintas, em BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

Por exemplo, um dos estudiosos mencionados é Goldhagen, autor de *Os carrascos voluntários de Hitler*,²⁹ que recebeu diversas críticas negativas pela sua obra. Para Seligmann-Silva, a abordagem do passado por Goldhagen teve uma recepção pouco favorável por se basear em fontes subjetivas e testemunhos dos envolvidos, os quais seriam materiais negligenciados pelos outros acadêmicos. No entanto, ele parece desconhecer que a aversão ao livro seja baseada na metodologia utilizada, e não nas fontes empíricas, e que o autor fundamentou a sua análise em tais materiais para reforçar ideias já previamente concebidas.³⁰

²⁹ GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

³⁰ A limitada quantidade de obras mencionadas por Seligmann-Silva aponta para o pouco diálogo que ele possui com a história e com o Holocausto como um todo. Além de ignorar a teoria e metodologia da história, ele também não observa os historiadores que estudam o Holocausto, deixando de identificar que os pontos ressaltados por ele foram desenvolvidos por outros acadêmicos. Outro ponto relevante é que Goldhagen escreve o seu livro como resposta a um outro estudo sobre o mesmo tema e que utiliza as mesmas fontes, realizado por Browning, em BROWNING, Christopher R. **Ordinary men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland**. New York: Harper Perennial, 1998. Duas análises críticas permitem observar os principais pontos falhos da obra: “O livro de Goldhagen não é conduzido por fontes, sejam elas primárias ou secundárias. Ele não permite as declarações de testemunhas que ele usa falarem por si mesmas. Ele usa o material como base para sua teoria pré-concebida. O livro é conduzido pela escolha da linguagem por parte do autor, e só pode ser entendido analisando essas escolhas e seu estilo geralmente argumentativo. Verboseidade e repetitividade são as características mais marcantes do livro.” Traduzido pelo autor do original: “Goldhagen’s book is not driven by sources, be they primary or secondary ones. He does not allow the witness statements he uses to speak for themselves. He uses material as an underpinning for his pre-conceived theory. The book is driven by the author’s choice of language, and it can only be understood by analyzing these choices and his generally argumentative style. Verbosity and repetitiveness are the most striking features of the book.” em BIRN, Ruth Bettina. *Revising the Holocaust*. **The Historical Journal**, v. 40, n. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 199. Outra crítica pode ser identificada em Hilberg, que

Os debates envolvendo o estudo do Holocausto, as metodologias analíticas e os temas focalizados pelas pesquisas históricas desde o final da Segunda Guerra são numerosos e complexos, refletindo as características deste tema. Seligmann-Silva desconsidera a produção da historiografia sobre o Nacional-Socialismo e o antissemitismo, ao mesmo tempo em que critica a história por não realizar um estudo apropriado do genocídio dos judeus. O conceito de testemunho defendido por ele é trabalhado e discutido em vários livros por outros autores, assim como a narrativa na história também possui uma volumosa produção que a aborda por diferentes meios. Todavia, Seligmann-Silva permanece restrito à sua abordagem literária e reitera suas argumentações com poucos acréscimos ou detalhamento, restringindo os termos observados a uma análise superficial e com pouco embasamento teórico e empírico.

afirma: “Nesta descrição, o Holocausto torna-se orgiástico e seus principais atributos são a degradação e tormento das vítimas. Todo o resto, incluindo as câmaras de gás em que dois milhões e meio de judeus morreram sem ser observados pelos perpetradores, é secundário, um mero “pano de fundo” do matadouro a céu aberto. Goldhagen não se preocupa com as inúmeras leis, decretos e decisões que os perpetradores criaram, ou os obstáculos com os quais lutaram constantemente.” Traduzido pelo autor do original: “In this depiction, the Holocaust becomes orgiastic, and its principal attributes are the degradation and torment of the victims. All else, including the gas chambers in which two and a half million Jews died unobserved by the perpetrators, is secondary, a mere “backdrop” of the slaughter under the open sky. Goldhagen does not preoccupy himself with the countless laws, decrees, and decisions that the perpetrators fashioned, or the obstacles with which they constantly struggled.” em HILBERG, Raul. *The Goldhagen phenomenon*. **Critical Inquiry**, v. 23, n. 4. Chicago: The University of Chicago, 1997, p. 727.

Conclusão

À vista desses fatores, o ponto principal dos estudos realizados por Seligmann-Silva pode ser apontado na incapacidade de representação de catástrofes. Mesmo marcada por barreiras linguísticas e imagéticas, a literatura do testemunho permite a observação dos acontecimentos traumáticos, os quais desafiam a sua abordagem em diversos níveis. O Holocausto é apresentado como exemplo pelo qual Seligmann-Silva fundamenta suas argumentações literárias, apesar de não desenvolver reflexões envolvendo o estudo histórico e nem explorar melhor o principal tema escolhido.³¹

Apesar de levantar considerações importantes e questionamentos relevantes sobre a abordagem do passado, suas ideias ficam parcialmente desenvolvidas e são frequentemente reafirmadas sem demonstrar conteúdos adicionais que contribuam para o debate. A leitura dos artigos permite observar que o autor apresenta seus argumentos, mas não os aprofunda, assim como não define os conceitos estabelecidos. Paralelamente, ele reflete sobre o estudo do passado, mas

³¹ Além da utilização de algumas memórias e de mencionar uma pequena quantidade de historiadores, Seligmann-Silva não explora os eventos do Holocausto e nem do governo nazista, se limitando, essencialmente, às obras literárias. Não é encontrada em seus textos uma análise da ampla historiografia que estuda o genocídio dos judeus para fundamentar a sua crítica, assim como a linguagem utilizada é frequentemente abstrata e sem referências explicativas, como pode ser visto em: “De certo modo podemos afirmar que a literatura é também uma porteira da cripta. Uma figura que tanto vem “de dentro” como está “fora”, diante da cripta, de costas para ela. Essa cripta evidentemente – assim como a noção forte de “real” – possui a mesma característica da concepção freudiana de *Unheimlich*: como algo de familiar que não pode ser revelado. O que pode habitar esse túmulo senão o próprio histórico?” em SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Literatura e Trauma. Pro-Posições*, v. 13, n. 3 (39), Campinas: Faculdade de Educação UNICAMP, 2002, p. 145.

não dialoga com a história e nem realiza as conexões entre a teoria da história e a teoria literária da qual origina sua pesquisa. Seus objetivos não são claros, uma vez que ele expõe e defende a sua principal tese sem desenvolvê-la.

A sua relevância permanece, no entanto, devido à fundamentação estabelecida sobre a qual é possível realizar o desenvolvimento de outros trabalhos. Uma vez que se reconhece a abstração conceitual e a falta de embasamento argumentativo, é possível direcionar pesquisas que ultrapassem as barreiras encontradas por Seligmann-Silva através de formas específicas a cada estudo. Os questionamentos que originaram as reflexões deste autor não devem ser desconsiderados pela ausência de aprofundamento argumentativo. Pelo contrário, são relevantes de serem apontados na prática de pesquisa em história e em literatura, uma vez que questionam e problematizam aspectos de ambos os campos que normalmente não são considerados como relevantes.

Referências:

ARAÚJO, Maria Paula; FICO, Carlos; GRIN, Monica (orgs.). **Violência na história: Memória, trauma e reparação**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.

BIRN, Ruth Bettina. Revising the Holocaust. **The Historical Journal**, v. 40, n. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

BROWNING, Christopher R. **Ordinary men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland**. New York: Harper Perennial, 1998.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da históriacultural francesa**. 5. ed. São Paulo: Graal, 2006.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**: edição integral. 47. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FRIEDLÄNDER, Saul. (Org.) **Probing the limits of representation: Nazism and the Final Solution**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HILBERG, Raul. The Goldhagen phenomenon. **Critical Inquiry**, v. 23, n. 4. Chicago: The University of Chicago, 1997.

KLEMPERER, Victor. **Os diários de Victor Klemperer**: Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista, 1933-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Ler o livro do mundo**: Walter Benjamin, romantismo e crítica poética. São Paulo: Iluminuras, 1999.

_____. A literatura do trauma: dossiê literatura de testemunho. **Cult**, nº 23, São Paulo, junho 1999.

_____. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.) **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. Literatura e Trauma. **Pro-Posições**, v. 13, n. 3 (39), Campinas: Faculdade de Educação UNICAMP, 2002.

_____. Testemunho e a Política da Memória: O Tempo depois das Catástrofes. **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, v. 30, n. 30, 2006.

_____. Literatura da Shoah no Brasil. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 1, nº 1, 2007.

_____. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2008.

_____. **Atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. In ARAÚJO, Maria Paula; FICO, Carlos; GRIN, Monica (orgs.). **Violência na história**: Memória, trauma e reparação. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012.

WIESEL, Elie. **Night**. New York: Hill and Wang, 2006.

Recebido em 01/06/2017, aceito para publicação em 08/08/2017.